

## A ARGUMENTAÇÃO NO GÊNERO DEBATE REGRADO DE OPINIÃO: UM CASO DE SUPOSTO RACISMO EM DISCUSSÃO

### THE ARGUMENTATION IN GENRE DEBATE REGIMENTED OF OPINION: ONE CASE OF SUPPOSED RACISM IN DISCUSSION

Tiago Sousa Santos<sup>1</sup>

Alessandro Fernandes Barbosa<sup>2</sup>

José Anchieta de Oliveira Bentes<sup>3</sup>

**Resumo:** *O interesse primário deste artigo é a identificação dos tipos de argumentos utilizados em uma simulação de um debate regrado de opinião, por parte de alunos da segunda série do Ensino Médio de uma escola pública tecnológica de Belém (PA). O objetivo principal é descrever e analisar os argumentos que ocorreram, tendo como motivação o episódio de suposto racismo praticado por uma professora universitária para com um vigilante negro. A pesquisa realizada foi construída usando-se de uma metodologia que se aproximou do tipo etnográfico-descritivo da prática docente, com os seguintes procedimentos: observação participante na escola, construção de diários de pesquisa; elaboração de uma proposta de sequência didática com o gênero debate regrado realizado; gravação do evento e análise dos argumentos, no sentido de defender a docente da academia ou condenar a sua atitude como racista. Tal análise possui ancoragem nas concepções que estudam linguagem como objeto de interação e dialogismo. As categorias de análise foram construídas a partir de argumentos favoráveis e desfavoráveis, utilizando-se do dialogismo com outros discursos, para aderir ou discordar, com uso de argumentos de autoridade, de provas concretas e que citam alguém presente no debate, com a possibilidade de adesão ou não. Os resultados indicam que ocorreram poucos argumentos de autoridade. Em todo caso, a efetivação do evento simulado de debate municiou os alunos com argumentos para um posicionamento a respeito do racismo.*

**Palavras-chave:** Argumentos; Simulação; Debate regrado de opinião; Racismo; Dialogismo.

**Abstract:** *The article's primary goal is the identification of types of arguments used in one simulation of one debate ruled by opinion, with part of students of the second year of High School of one technological public school of Belém (Pa). The main aim is describing and analyzing the arguments that appeared, motivated by the supposed case of racism featuring one university professor that offended one black guard. The research held was constituted using one methodology that approached the type ethnographic-descriptive teacher praxis, with the following procedures: participatory observation in the school, construction of diaries of research, the elaboration of one proposal of didactic sequence featuring genre debate previously used; recording of event and the analyze of arguments, on the sense of defending the academic professor or condemn her attitude as a manifestation of racism. This analyze has been anchored in conceptions that study language like an object of interaction and dialogism. The analysis categories were built by favorable arguments and the contraries ones, using of dialogism with others discourses, for agreeing or disagreeing, with use of arguments of authority, concrete proves and that mention another person present on the debate, with possibility of agreeing or not. It was shown by the*

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará. Bolsista do PIBIC/CNPQ. Belém, Brasil, e-mail: [tsantos36@gmail.com](mailto:tsantos36@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduando em Letras – Libras pela Universidade do Estado do Pará. Bolsista colaborador do PIBIC/CNPQ. Belém, Brasil, e-mail: [alessandro-b-f@hotmail.com](mailto:alessandro-b-f@hotmail.com)

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós Graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade Estadual do Pará (UEPA). Doutor em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Belém, Brasil, e-mail: [anchieta2005@yahoo.com.br](mailto:anchieta2005@yahoo.com.br)

*results that just a few arguments of authority were registered. In any case, the concretization of the simulated event of debating gave to the students arguments to choose one position about the racism theme.*

**Keywords:** Arguments; Simulation; Debate ruled by opinion; Racism; Dialogism.

## **1 Considerações iniciais**

O presente artigo visa analisar argumentos encontrados no gênero debate regrado de opinião, cujo tema de discussão foi um suposto caso de racismo praticado por uma professora universitária para com um vigilante. Tal caso, que gerou grande repercussão nas redes sociais pelo Brasil, foi didatizado – transformado em objeto de ensino através de uma Sequência Didática (SD), metodologia modular de ensino de gêneros do discurso elaborada por Dolz, Schneuwly & Noverraz (2004) – em uma turma de segunda série de ensino médio de uma escola pública estadual tecnológica, localizada em um bairro de periferia de Belém/PA.

A SD foi elaborada por nós, pesquisadores da área de Ensino-Aprendizagem de Língua portuguesa, e foi alterada, quando necessária, pela professora da turma. A sequência previa não só o planejamento e o estudo do gênero “debate regrado”, mas também a culminância em um evento simulado no dia 07 de dezembro de 2012. Este artigo analisa esse evento particular, mais especificamente os argumentos usados pelos participantes.

Antes de seguir para a análise, convém relatarmos o suposto caso que foi objeto de discussão do debate.

O suposto ato de racismo ocorreu, de acordo com o jornal Diário On Line (DOL), em uma Universidade de Belém. Segundo a notícia, vários acadêmicos<sup>4</sup> estavam em frente a essa Instituição de Ensino Superior quando ouviram e viram uma docente universitária, com formação em antropologia, chamar um vigilante de “macaco”. Para um dos universitários presentes, “ela (a antropóloga) chamou o trabalhador de macaco, burro e afirmou que ele era um palhaço vestido de vigilante. Eu vi esta cena e não tive como me conter. Chamei-a de racista e disse que ia chamar a polícia – como fiz” (DIÁRIO ON LINE, 2012, p. 1).

Diante disso, esse aluno resolveu pegar uma câmera e gravar o seguinte diálogo, que teve a duração de treze segundos:

---

<sup>4</sup> Para preservar a identidade, não citaremos os nomes dos participantes envolvidos no suposto caso de racismo.

**Aluno:** A senhora chamou ele de macaco, foi isso? Fala agora, fala agora que eu tô filmando.

**Professora:** Palhaço! Tu é um macaco também, tu é um imbecil!

**Aluno:** Eu sou um macaco? Imbecil?

**Professora:** É um macaco! Vai chamar de crime agora? (Jornal Hoje, 2012, p. 1-2)

Depois da gravação, os envolvidos foram a uma seccional de polícia e denunciaram o suposto caso.

No entanto, para a antropóloga, as coisas não aconteceram da forma como foi relatada pelo estudante. A versão da professora foi posta no jornal Diário Online (DOL) nos seguintes termos:

eu me revoltei com o porteiro e o chamei de macaco, mas não com conotação racista. Seria um contracenso pra mim, que sou estudiosa das religiões afro, falar algo assim. O que eu disse é que ele era um macaco no sentido de fazer tudo o que a direção queria, com uma obediência cega, alegou a pesquisadora em Antropologia, que declarou estar arrependida de ter se alterado com o porteiro, uma vez que ele estava só seguindo ordens (DIÁRIO ON LINE, 2012, p. 1)

Contextualizado o evento, voltemos para uma breve descrição metodológica da pesquisa de campo, que, como já foi dito, foi a culminância de uma sequência didática intitulada de debate regrado.

O debate, em voga, teve a duração de 44 minutos e 34 segundos, 111 turnos e a presença de 16 alunos, que se fez de forma simulada com personagens de instituições envolvidas na defesa e na acusação da professora. A participação dos discentes foi sorteada em uma aula anterior, quando foram escolhidas as personagens representadas no debate, sendo dividida em quatro grupos: 1) os debatedores que diziam que a ação da professora foi racista, com um aluno-personagem representante da Ordem dos Advogados do Brasil, um do Centro de Defesa do Negro do Pará (CEDENPA) e um do Diretório Central dos Estudantes (DCE); 2) os debatedores que diziam que a ação da professora não foi racista, com um aluno-personagem representante da OAB, um dos estudantes e um dos professores do curso em que a antropóloga leciona; 3) a plateia favorável à condenação da docente, com a presença de 5 alunos e 4) a plateia desfavorável à condenação, com a presença de 5 alunos, também. Além deles, houve a presença de uma moderadora, professora da escola, a que chamamos ficcionalmente de *Luiza Filho*, com “o papel de síntese, de reposição, de reenfoque” do debate (DOLZ, SCHNEUWLY e PIETRO, 2004, p. 247).

O debate foi gravado e, após a sua realização, transcrito grafemicamente<sup>5</sup> por meio do programa *transana*, *software* desenvolvido pelo Centro de Investigação em Educação da Universidade de Wisconsin-Madison para pesquisadores que analisam vídeo digital ou dados de áudio, e, depois disso, passamos à análise dos argumentos, usando a seguinte tipologia: 1) argumentação que cita um colega presente, concordando ou discordando; 2) argumentação que cita uma prova concreta; 3) argumentação que cita uma autoridade.

A pesquisa aproximou-se do tipo etnográfico-descritivo da prática escolar de André (2012), caracterizada “por um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada” (ANDRÉ, 2012, p. 41), com as seguintes fases: observação participante na escola, construção de diários de pesquisa, elaboração de uma proposta de SD com o gênero debate, gravação do evento, transcrição e análise dos argumentos, sendo a última o objeto de estudo do artigo, como já dito.

Este artigo foi pautado no conceito de diálogo, uma das mais importantes formas da interação verbal, pois toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja, tem por objetivo o encontro de duas pessoas. Tal conceito nos direcionou para uma concepção de língua que estuda a interação verbal como a verdadeira substância, “a realidade fundamental da língua” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 123), realizada por meio da enunciação, “produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN; VOLOCHINOV 2004, p. 112), e não a enunciação dita monológica ou a palavra erroneamente destituída de direção a alguém.

Sem contar com as considerações iniciais, o presente texto está segmentado, em duas partes: na primeira, discutimos sobre a teoria da argumentação dialógica, com uma definição de argumentação que faça jus a uma teoria de diálogo e desenvolvemos os três tipos de argumentos, em que definimos cada tipo argumentativo (argumento que cita o outro, uma prova concreta e uma autoridade) e analisamos alguns discursos encontrados no evento debate; e, ao fim, enumeramos alguns resultados e conclusões de nossa pesquisa.

---

<sup>5</sup> Usamos, durante a nossa transcrição, as seguintes normas: ... = pausa normal; + = pausa um pouco longa; ++ = pausa longa; +++ = pausa muito longa; // = truncamento; :: = continuidade de vogal; PALAVRA = ênfase nas sílabas da palavra; pa-la-vra = fala separadamente; (( )) = comentários do analista; ? = pergunta; [ ] = sobreposição de vozes; [ = mudança brusca de turno e argumento= tipo de argumento encontrado, n. = número do turno do evento debate.

## **2 Por uma teoria da argumentação dialógica**

Nossa concepção de argumentação está fundamentada na concepção dialógica que está, por sua vez, pautada na enunciação. Nesta concepção, ocorre, consoante Buber (2001), uma dualidade de atitudes que dão origem a dois pares de palavras-princípio: a EU-TU e a EU-ISSO. Esses dois pares “são proferidos pelo ser” (BUBER, 2001, p. 3) e pressupõem a existência de um Eu. Para ser Eu, é necessário proferir Tu ou Isso no diálogo com o mundo.

Na primeira palavra-princípio (Eu-Tu), o ser humano torna-se um sujeito (Eu) ao estabelecer uma relação com um outro sujeito (Tu), assumindo um postura inter-humana. O sujeito se realiza no encontro real entre o Eu e o Tu, em um diálogo que vai ao encontro da vida real, de onde emerge um “Nós” na interação.

Nos termos de Martin Buber (2009): “Só quando eu chego a uma relação essencial com um outro, de forma que ele não é mais um fenômeno do meu Eu, mas é meu Tu, só então eu tenho a experiência a realidade de falar-com-alguém” (BUBER, 2009, p. 92).

O Eu, então, não experimenta nada no mundo, mas está em relação com ele. Está em sua totalidade, envolvido, realizando-se em seu encontro por graça com o Tu. Ele torna-se Eu dizendo Tu, em uma relação imediata, sem “nenhum jogos de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia, [...] nenhuma avidez ou antecipação” (BUBER, 2001, p. 13). Tudo se torna sem significado e sem propósito, muito embora o Eu saiba de tudo no encontro com o Tu.

Na segunda palavra-princípio (Eu-Issso), o Eu experimenta o mundo e/ou outro, tornando-se uma coisa, que pode ser substituído por Ele ou Ela. O Eu não está em sua totalidade, porém em sua parcialidade, fragmentado. Ele experimenta, representa, quer, sente ou pensa em alguma coisa ou em alguém, vendo seu mundo como uma relação de interesses no qual se há várias intenções.

Consideremos o ato de argumentar como integrante da segunda atitude do homem para com o mundo – o uso da palavra-princípio Eu-Issso.

Ocorrem, nessa segunda palavra-princípio, intencionalidades diversas, tais como de impor uma posição, persuadir, convencer, modificar um posicionamento, tal como acontece no evento debate, com um personagem-aluno no uso de argumentos. Ao se referir a essa atitude, Buber (2009) afirma que:

a palavra-princípio Eu-Isso não tem nada mal em si porque a matéria não tem nada de mal em si mesma. [...] Se o homem permitir, o mundo do ISSO, no seu contínuo crescimento, invade e seu próprio EU perde a sua atualidade, até que o pesadelo sobre ele e o fantasma no seu interior sussurram um ao outro confessando sua perdição” (BUBER, 2001,p.79)

Salientamos que neste falar-com-alguém da segunda atitude ou segunda palavra-princípio, sempre há argumentos que partem de um Eu que tenta persuadir/convencer o outro de algo em um determinado tempo e lugar, podendo ser usado pelo enunciador um discurso que cita o outro presente no ato discursivo, uma prova concreta e uma autoridade. Esses tipos, na enunciação, se inter-relacionam.

No argumento que cita o outro presente no ato discursivo, o Eu faz referência em sua fala a outra pessoa presente no debate regrado de opinião, com um adesão ou não à fala referenciada. Enquanto isso, no que faz menção a uma prova concreta, o Eu usa algum fato comprobatório (reportagens, entrevistas, documentos oficiais, depoimentos feitos à delegacia) para demonstrar que seu argumento é irrefutável e verdadeiro. Ao passo que, no argumento que cita uma autoridade, o aluno-personagem (Eu) usa a figura de uma autoridade para sustentar a sua fala destinada ao Isso, Ele ou Ela.

Passemos aos tipos de argumentos identificados no debate regrado.

## 2.1 Argumento que cita o outro, presente no evento discursivo:

Classificamos *o argumento que cita o outro* todos os discursos que citaram alguém presente durante a realização do evento debate, seja fazendo adesão ou contestando um argumento proferido anteriormente. O Eu, ao se dirigir ao Isso, faz referência a uma outra pessoa presente na enunciação, a qual pode concordar ou não durante a sua fala.

Bakhtin; Volochinov (2004) postula que “a língua elabora meios mais sutis e mais versáteis para permitir ao autor infiltrar suas réplicas e seus comentários no discurso de outrem” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 150). Tais meios são responsáveis para que haja um duplo diálogo: o Eu, durante a argumentação, dialoga com a pessoa a qual cita e, ao mesmo tempo, está em um diálogo com o Isso cuja fala se destina.

Em suma, o argumento que cita o outro nada mais é do que um discurso dentro de outro discurso. É um “discurso sobre o discurso” (BAKHTIN; VOLOCHINOV

2004, p. 144), nas palavras de Bakhtin; Volochinov (2004), com a singular restrição de este estar presente na situação comunicativa.

No gênero debate:

5. Marcos Castro<sup>6</sup> ((Representante da OAB)) ((Dirige-se a plateia)): Obrigado Luíza... Bom dia ((coloca-se de pé)) Eu me chamo Marcos... Nós somos realmente mesmo radicalmente contra a postura da professora. Porque nós pensamos assim... o caso... é tão corriqueira que:: acontece no dia-a-dia... mas tem um porém: nem todas as pessoas ++ ((olha para Rhanyer)) [...] nem todas as pessoas +++ têm a/o conhecimento que ela tem, então se torna até uma ironia, até um paradoxo com a professora de religiões afro cometer, cometer um// digamos assim um erro desse tão::... banal. Porque na prática ela... ela tá dizendo chamou ele de macaco... burro... e afirmou que que ele é um palhaço vestido de vigilante... mesmo que ela não tenha tido a intenção de:: de:: é:: de que ela chamasse racialmente no nosso imaginário macaco// na nossa cultura, sempre foi associado a figura negra... se você não quer chamar alguém de palhaço... você chama de palhaço... quer dizer que que ele faz palhaçada... chama-se de palhaço mesmo... não de macaco. ((5:00.7))

Marcos, o Eu da interação nas palavras de Buber (2009), por meio da palavra nós, cita o seu grupo e, ademais, que concorda com ele, reafirmando o posicionamento de que ele é contra a postura da professora. Depois de demarcar sua posição, ele afirma que nem todas as pessoas têm o conhecimento que a antropóloga tem, por conta de sua formação permitir a ela já saber o significado consensual da palavra macaco e de sua conotação racista. Se a docente universitária quisesse chamar o vigilante de macaco com sentido de palhaço, o denominaria de palhaço, pois isso continua sendo, na opinião dele, um posicionamento racista.

Esse posicionamento será diferente de Wanessa França. Segundo a aluna:

13. Wanessa França ((Rep. da OAB)) ((se levanta)) ((Dirige-se a Grupo 1)): ((se levanta)) Bom dia:: é:: primeira// primeiramente vou fazer as palavras deles a minha pois eles mesmo// vocês mesmo admitiram que a professora uma antropóloga não poderia fazer tal acusação... então vocês mesmos reconhecem... como uma antropóloga que:: que que ah:: é:: estudou todo um período pra se formar e pra chegar e dizer num:: numa certa//numa certa// num certo nível e:: colocar tudo que ela mesmo aprendeu, tudo que ela, que ela possuiu pra ela, os seus conhecimentos e chegar a chamar alguém de macaco... e::... vocês podem me dizer o que, pra vocês, o que é macaco? ((com o dicionário na mão)) ((10:00.1))

A aluna (Eu), durante a sua fala, usa os referentes *deles*, *eles* e *vocês* ao se dirigir ao grupo 1, que se torna Isso, nas palavras de Buber (2009). Todos os três fazem referência aos debatedores que falaram antes, que faziam parte o Grupo 1, os quais afirmaram que o ato foi racista. Só que, ao contrário de Marcos, ela discorda por meio de dois argumentos: o primeiro, de que uma professora antropóloga não poderia chamar

---

<sup>6</sup> Os nomes dos participantes do debate são verdadeiros. Todos autorizaram o uso dos nomes para este trabalho.

um vigilante de macaco com sentido racista, porque ela estudou muitos anos sobre o assunto e o segundo, com sua pergunta sobre o significado de macaco, supondo que o outro grupo não o sabe. Wanessa, por meio desses argumentos, tenta desqualificar o posicionamento do grupo oposto ao seu no debate por meio desses referentes, o que os caracteriza como Isso.

## 2.2 Argumentos que cita uma prova concreta

Os argumentos que citam uma prova concreta são todos os pronunciados pelo Eu que são pautados, para Ribeiro (2008), em experiências vividas ou em fatos comprobatórios (reportagens, estatísticas, dados históricos etc.) que têm por fim (com)provar que um determinado argumento é irrefutável e verdadeiro.

Plantin (2008), em seus estudos acerca da argumentação, diz que:

provar vem do latim *probare*, ‘fazer uma tentativa, experimentar, verificar’. Esse valor etimológico também é encontrado em seus derivados *comprovar*, *provar*, *probatório*, *provante*, *provação*; todos eles, assim como prova, ratificam a experiência de uma prova concreta” (PLANTIN, 2008, p. 99) (Grifos do autor).

Assim, esse tipo de argumento é aquele que tem por objetivo citar uma prova em um determinado argumento, com o intuito de que “elimine a prova e a contestação, dificulte o questionamento, fundando assim uma crença justificada e um consenso legítimo” (PLANTIN, 2008, p. 101). Essas provas são variadas: podem ser filosóficas, teológicas, matemáticas, científicas ou pautadas inclusive em experiências vividas válidas ao Isso argumentativo.

Agora analisemos um trecho do debate:

23. Renée Aires<sup>2</sup> ((Representante dos Estudantes de Ciências da Religião)) ((Dirige-se à plateia)): Quando ele chegou à delegacia... ele não tocou em nenhum momento que ela tinha feito um ato racista... ela tinha chamado ele de palhaço e então...e: depois, em uma entrevista feita a re// a emissora rede globo...ele falou que tava completamente ofendido... que não teria dormido... e como ele ele como alguém pode entrar em contradição... com suas palavras que ele falou pra lei que ela não tinha falado isso e chegar e falar pra publicamente que ela tinha ofendido... e principalmente que a emissora e todas as outras que tocaram muito muito a professora como a culpada... e se vocês não sabem esse caso teve oito vídeos e só um foi ao ar para todo mundo ver... e esse vídeo foi editado... como é que a gente pode acreditar, ainda por cima em um alu::no ele é:: ((13:26.8))

Na fala de Renée Aires (Eu), observamos que ela faz uso de três provas concretas ao se dirigir ao público (Isso): 1) a entrevista do vigilante feita pela emissora Rede Globo, 2) as emissoras que emitiram a sua opinião sobre o caso, culpando a professora e 3) o vídeo gravado pelo acadêmico.

A primeira prova concreta citada pela aluna faz referência a uma entrevista feita ao vigilante em um dos programas da emissora Rede Globo que foi exibida em rede nacional. Nela, o guarda relata o ocorrido:

Ela veio por dentro da universidade e chegou até a mim. Me xingou, me chamou de 'macaco', idiota, disse que eu estava vestido de palhaço. [...] Psicologicamente eu estou muito afetado. Não consegui dormir. Há dois dias que eu só penso nisso, nunca tinha passado por isso (G1, 2012, p.2).

Contudo, no depoimento feito à polícia, a delegada disse:

Ele (Rubens) afirmou que foi chamado de burro e de palhaço. Isto se enquadra em crime de injúria comum, nem injúria racial é. São vocês da imprensa e os estudantes que estão aqui que estão dizendo que ele foi chamado de macaco. Se ele acrescentar isso nós teremos que rever o processo (DIÁRIO ON LINE, 2012, p. 2).

A fala acima foi determinante para que houvesse uma desconfiança nas palavras do guarda: ele não disse que a antropóloga o chamou de palhaço à seccional de polícia, ao passo que ele afirmou que ela o xingou de burro, palhaço e macaco à emissora Globo, de grande prestígio.

A segunda prova encontrada durante o turno da aluna são as emissoras de televisão que, no decorrer do caso, culparam a antropóloga ao colocar indiretamente a opinião de o suposto ato de racismo ter sido feito por uma docente universitária e uma doutora em religiões afro, com a prova de o vigilante ter sido chamado de macaco em um vídeo gravado. Isso comprova a inexistência de neutralidade nos discursos jornalísticos, pois o signo ideológico “se apoia nas palavras” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 2004, p. 38) que, por sua vez, constituem o discurso.

A terceira prova concreta faz menção ao vídeo do suposto caso, cujo diálogo foi posto na introdução do presente artigo. Todavia, conforme a aluna-personagem, houve oito vídeos gravados e apenas um apareceu de forma intensa na mídia, o qual foi editado. Essa assertiva foi afirmada com o fim de descaracterizar o acadêmico, mostrando ao público (Isso) que ele não tem caráter.

Essas três provas concretas foram necessárias para que a aluna demonstrasse o seu posicionamento sobre o suposto caso: a atitude da antropóloga não foi racista, já que a mídia a enfatizou como culpada, houve oito vídeos gravados, mas só um editado foi ao ar e o guarda se contradisse ao falar com a mídia e com a delegada envolvida no caso.

### 2.3 Argumento que cita uma autoridade:

Compreendemos por argumento de autoridade aquele que, durante a enunciação, cita algo ou alguém que é extremamente importante para sustentar seu posicionamento, de modo que não hajam contestações após o enunciado. Para Ribeiro (2008), “este tipo de argumento representa uma maneira abusiva de se impor” (RIBEIRO, 2008, p. 79). Exemplos desse tipo de argumento seriam os que citam a Bíblia, uma autoridade no assunto, como um linguista ou um filósofo, um dicionário, etc..

Quando se combinam as palavras “argumento” e “autoridade”, destacam-se os trabalhos de Ducrot (2011). Segundo o autor, esse mecanismo argumentativo acontece quando há duas condições simultâneas: “1) indica-se que P (uma proposição) já foi, é atualmente, ou poderia ser objeto de uma asserção; 2) apresenta-se este fato como se valorizasse a proposição P, como se a reforçasse, como se lhe ajuntasse um peso particular” (DUCROT, 2011, p. 140).

Em resumo, o argumento que cita uma autoridade no presente artigo são todos os discursos que, durante a enunciação de um sujeito aluno-personagem Eu, destinados ao Isso, evocaram o nome de uma autoridade pessoal ou impessoal para sustentar tanto a sua argumentação quanto a sua opinião sobre o suposto caso de racismo no evento debate.

Analisemos, com base na definição de argumento que cita uma autoridade, um trecho do debate:

13. Wanessa França ((Rep. da OAB)) ((se levanta)) ((Dirige-se a Grupo 1)): Bom dia:: é:: [...] vou fazer as palavras deles a minha pois eles mesmo [...] admitiram que a professora uma antropóloga não poderia fazer tal acusação... [...] como uma antropóloga que:: que que ah:: é:: estudou todo um período pra se formar e pra chegar e dizer num:: [...] num certo nível e:: colocar tudo que ela mesmo aprendeu, tudo que [...] possuiu pra ela, os seus conhecimentos e chegar a chamar alguém de macaco... e::... vocês podem me dizer o que, pra vocês, o que é macaco? ((com o dicionário na mão)) ((10:00.1))

14. Marcos Castro ((Rep. da OAB)) ((Dirige-se a Grupo 2)):

Bom::... no contexto... a gente sabe que macaco no dicionário tem exatamente o seu o seu a sua denominação... só que:: isso não tá em questão... o que tá em questão é o é o imaginário das pessoas... é:: é o popular... é o que culturalmente na nossa sociedade... isso sim, não não não/

porque eu posso até ter a atitude né de chamar de palhaço... palhaço no dicionário... eu posso apostar... é que faz as pessoa se divertir, faz as pessoas rirem não a pessoa que tá ai fazendo seu trabalho de maneira competente ((10:36.2))

15. Wanessa França ((Rep. da OAB)) ((Dirige-se a Grupo 1)): Mas então já querem falar... em relação ao termo de macaquite... você o usou o termo macaquite... o que vocês entendem por macaquite? ((10:42.8))

16. Marcos Castro ((Rep. da OAB)) ((Dirige-se a Grupo 2)): Macaquite, normalmente é uma:: uma uma, como eu posso explicar? É:: seria uma palhaçada.

17. Wanessa França ((Rep. da OAB)) ((Dirige-se a Grupo 1)): Mas justamente... vocês mesmo admitem... aqui macaquite, no dicionário. "Algo ou efeito de macaquear" O que é macaquear? "Imitar, imitar de modo ridículo"... ou seja ela estaria ridicularizando o// No ato do:: do do porteiro ter feito aquilo foi literalmente uma macaquite, uma uma situação ridí::cula, porque:: ele poderia/ era uma situação necessária. O macaco é um primata. O que é primata? Uma pessoa que não tem menta/ opinião própria, que apenas obedece é:: ordens.

Ao argumentar, a aluna afirma que a professora e antropóloga jamais chamaria alguém de macaco com uma conotação racista por causa da formação acadêmica de doutorado que possui. A docente universitária estudou durante anos uma ciência que têm como objeto principal de estudo o homem e que, por isso, não permite tratar alguém de forma racista, julgar e usar termos com o intuito de ofender racialmente. Seu argumento, em síntese, é: quem possui título de antropólogo não pode ser alguém racista.

Na mesma fala, Wanessa França (Eu) pergunta a Marcos Castro (Isso) qual o significado do signo/palavra macaco com o dicionário em mãos, pois o aluno e seu grupo argumentaram muito em seus turnos anteriores que a antropóloga chamou o guarda de macaco com conotação racista. Sabendo disso, ela pensa que o grupo favorável à condenação da professora universitária saiba o significado desse signo usado no caso de suposto racismo, o qual foi presente em todas as falas anteriores desse grupo.

Friedman (2002), a propósito do termo *macaco*, informa de publicações nos Estados Unidos da América, desde os anos de 1788, que relacionam esse termo com negro. Seus relatos mostram provas de que o membro sexual e a cor da pele associavam o negro a um macaco, a um não humano. Além destas características, outras apareciam:

a negritude já estava carregada de significado negativo, simbolizava sujeira e morte, enquanto branca representava a pureza e a vida” e essas duas raças ocupavam posições diferentes, conforme a evolução das espécies, “os europeus brancos”, estavam no topo e “os negros africanos na parte inferior, somente um ou dois elos acima do macaco” e mais “a testa, o queixo, o maxilar, dentes, massa muscular e até mesmo a maneira de andar pareciam mais com os do macaco do que com os de um europeu” (FRIEDMAN, 2002,p. 105)

O autor relata ainda que pesquisas científicas foram feitas com o intuito de provar que o africano é descendente direto do macaco – e tudo era comparado, desde o tamanho do clitóris nas mulheres negras, passando pelo olfato, pela audição, visão e potência sexual, com o intuito de diferenciar o africano do europeu e aproximar o primeiro a um macaco.

Desde o final do século XIX, tais comparações entre o africano e o macaco feitas pelo europeu serviram de argumentos racistas, que segregam pessoas negras para o anonimato e a invisibilidade, além de sustentar uma ciência não-africana denominada de eugenista, a qual tem por objetivo a “melhoria das raças humanas” (SANTOS, 1984, p. 30). Ela afirmava que as inferioridades eram genéticas e hereditárias. Essas assertivas persistem até aos dias atuais, principalmente com a designação de chamar o negro de “macaco”, “um dos xingamentos preferidos de brancos contra negros” (SANTOS, 1984, p. 53).

A pesquisa de Friedman (2002) relata acerca do valor histórico e ideológico ao qual foi vinculada à palavra macaco. Esse termo foi vagarosamente adquirindo uma conotação racista e preconceituosa, com pesquisas não-negras<sup>7</sup> sobre os negros, até aos dias atuais, em que é uma ofensa racial chamar um negro de macaco. Tal valor, contudo, não está presente no dicionário, cujo significado se restringe “a um animal primata” ou “ato ou efeito de macaquear”.

Depois, Marcos (Eu) afirma para Wanessa (Isso) que o termo macaco no dicionário tem a sua significação e que o que está em discussão no debate é a definição posta culturalmente no imaginário das pessoas. Para se valer disso, ele exemplifica o significado de palhaço, que “é que faz as pessoa se divertir, faz as pessoas rirem não a pessoa que tá ai fazendo seu trabalho de maneira competente”. Em suma, ele argumenta que o que está em questão é o conhecimento popular de *macaco* no contexto do ocorrido e não o conhecimento dicionarizado.

Na sequência, Wanessa (Isso) diz que Marcos (Eu) usou o termo macaquice e pergunta para o aluno o significado. Marcos dá a definição de macaquice para Wanessa e, logo em seguida, ela define macaquice, como “ato ou efeito de macaquear”, e macaquear, “como ato de imitar de modo ridículo”. Nas duas definições, ela lê o

---

<sup>7</sup> Compreendemos por pesquisas não-negras todas aquelas que analisa(ra)m o negro por um olhar eurocêntrico e preconceituoso. Segundo Van Dijk (2012), “a primeira metade do século XX presenciou a publicação de numerosos estudos ‘científicos’, ‘provando’ a superioridade dos homens brancos, o que proporcionou o incremento de políticas e práticas eugenistas em muitos países, e que culminou no Holoscauto” (Van Dijk, 2012, p. 12). Tais estudos seriam enquadrados no que denominamos de pesquisas não-negras.

dicionário e o cita, “aqui macaquice, no dicionário”, o que nos sugere uma postura de autoridade, pois lê o significado das palavras na autoridade dicionário, pressupondo ter conhecimento da significação usado pela antropóloga, enquanto Marcos não. Com essa base, ela impõe saber o significado de macaco no contexto.

Observamos, com isso, que os grupos se posicionaram de forma diferente acerca da palavra/signo macaco: o grupo que disse que o suposto ato foi de racismo defendeu o uso de macaco como sinônimo de ato racista, ao passo o grupo que afirmou que o possível ato não foi racista, argumentou que a palavra foi enunciada como sinônimo de palhaço e de macaquice. Sobre isso, Bakhtin; Volochinov (2004) diz:

Em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço de maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir. (BAKHTIN; ; VOLOCHINOV, 2004, p. 47)

O signo ideológico é, portanto, móvel e dinâmico. Nas falas de Marcos e Wanessa, “macaco” foi usado pela professora universitária com significados diferentes. Para o aluno, a docente universitária teve ciência de que a palavra foi falada com o fim de ofender racialmente devido à conotação popular atribuída a esse vocábulo. Para a aluna, a antropóloga teve ciência de que o termo não foi dito com o fim de fazer ofensa alguém, mas de obediência cega e de a situação ser uma palhaçada. Tais argumentos demonstram os valores contraditórios e dialógicos do signo, que se materializaram no desenvolvimento do evento debate, nas falas dos debatedores dos grupos favorável e contrário à condenação da docente.

### **3 Considerações Finais**

Ao longo deste artigo, analisamos alguns argumentos encontrados no evento debate regrado de opinião, aplicado por meio de uma SD em uma turma de uma escola pública tecnológica, cujo objeto de discussão foi o caso de um caso de suposto racismo praticado por uma professora universitária contra um vigilante negro em uma Universidade da cidade de Belém/Pa.

Ao analisarmos, estabelecemos uma teoria dialógica para a argumentação, deslocando o centro de estudos dos argumentos da Linguística Textual ou da

Pragmática, comumente usados, para o campo do diálogo, local onde as ideologias são confrontadas e materializadas na interação verbal.

O principal signo no evento debate é o de macaco. Dos quatro discursos que analisamos, três citaram o termo com dois sentidos diferentes: de ato racista e de palhaço.

Consideramos que o signo é, para Bakhtin; Volochinov (2004), ambivalente e dialético. Isso justifica o porquê de macaco ter sido usado com dois sentidos, que variaram de acordo com o posicionamento dos alunos-personagens. O possível sentido dado a *macaco* pela antropóloga no momento da enunciação foi um dos objetos de discussão de debate, sendo propagado pela mídia nacional e internacional durante a cobertura do suposto caso.

Outro tema de discussão foi o fato de ser uma doutora antropóloga que fez o suposto ato de racismo contra um segurança e não uma outra pessoa qualquer. Tal assertiva contribuiu na composição de argumentos favoráveis e contrários à condenação. Os primeiros afirmavam que a professora sabia, ao enunciar, que macaco popularmente tinha um significado racista e fez o ato com esse fim. Enquanto isso, os segundos diziam que a docente tem uma formação acadêmica e, por conta disso, nunca chamaria alguém de macaco com conotação racista.

Uma terceira discussão encontrada é o duelo entre o saber popular e o dicionarizado, que foi materializado por meio do dualismo de significados de macaco. O conhecimento popular afirma que este termo foi usado, no contexto do ocorrido, com uma significação racista e preconceituosa devido ao contexto histórico desta palavra. Entretanto, o conhecimento do verbete do dicionário afirma o contrário: macaco foi usado no sentido de macaquear, de fazer macaquear, de estar em uma situação ridícula. Esse duelo é vivenciado em muitas falas durante o desenvolvimento do debate, inclusive nos turnos de Marcos e Wanessa expostos no presente artigo.

A ambivalência do signo nos demonstrou que o argumento é contraditório, pois ele não é incontestável e muito menos tem signos monovalentes. O único caso em que isso seria posto em xeque é quando usamos um argumento de autoridade, pelo fato de o enunciador tentar impor o seu discurso por meio de algo ou alguém importante. Porém, o debate nos mostrou o contrário, já que os estudantes discordaram desses argumentos, por meio de outras enunciações.

O fato de que estudantes podem discordar ou concordar com os argumentos proferidos anteriormente nos revelou o quanto a argumentação é dialógica, já que os

discursos são orientados na relação EU-TU ou EU-ISSO. No caso desta pesquisa e por se tratar de um debate assumido pelos interlocutores foi de uma atitude EU-ISSO, uma vez que se tratou de impor posições, ordenar e estruturar fatos para vencer, para estabelecer que argumentos são mais fortes e podem vencer o debate.

A relação entre a professora e o vigilante poderia, se analisado pela ótica do argumento do acadêmico envolvido no suposto caso que deu entrevista ao Diário On Line e gravou o vídeo, ser enquadrado na atitude EU-ISSO, tal como posto por Buber (2001). O ato da professora invadiu o seu ser e o controlou, mesmo que ela tenha o título acadêmico de Antropóloga e saiba, cientificamente, que *macaco* se usa popularmente para ofender racialmente um negro. Esse termo, então, rebaixou o *status* do vigilante de TU para ISSO na interação.

Pensamos que os argumentos que citam o outro, uma prova concreta e uma autoridade são fundamentais para o estudo da argumentação em ambiente escolar, seja por meio de um texto oral, escrito e/ou digital, e que devem ser ensinados em sala de aula, pois tais categorias qualificam os argumentos em nossas falas cheias de intencionalidades destinadas, em termos de Buber (2001), a ISSO.

Durante a transcrição do debate realizado foi visível o uso de poucos argumentos que citam uma autoridade em relação aos que mencionam provas concretas ou alguém presente no evento. Na maioria das vezes, tais autoridades faziam relação a uma instituição, a uma pessoa renomada ou a um livro conhecido. Dentre esses, colocamos e analisamos o momento em que Wanessa França trouxe um dicionário e tentou demonstrar, por meio desse livro, que o grupo 1 não sabia o sentido que estava sendo atribuído à palavra *macaco* no suposto caso de racismo.

Foi observado também que esses tipos de argumentos – que cita o outro presente no evento discursivo, uma prova concreta e uma autoridade – se inter-relacionaram no debate regado de opinião. Na fala de Wanessa, por exemplo, é notável o uso do argumento de autoridade e que cita o outro, tendo em vista que ela cita a palavra *vocês* e, em seguida, traz a discussão do significado de *macaco* com o dicionário em mãos.

Acreditamos que o ensino do debate na escola cumpriu a função de municiar os alunos-participantes a terem um posicionamento crítico sobre o racismo, com enfoque no suposto caso de repercussão internacional, o qual reacendeu a discussão existente na sociedade brasileira sobre esse polêmico tema presente no dia a dia de nosso país, além de servir de tema de discussão para o evento realizado.

## Referências

ANDRÉ, M. E. D. A de. **Etnografia da prática escolar**. 18. Ed. São Paulo: Editora Papyrus, 2012

BAKHTIN, M. ; VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução e Introdução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Do diálogo e do dialógico**. Tradução Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weimberg. São Paulo: Retrospectiva, 2009.

DIÁRIO ON LINE. **Alunos acusam da Uepa professora de racismo**. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticia-219214-alunos-acusam-professora-da-uepa-de-racismo.html>>. Acesso em: 15 set. 2012.

DOLZ, J; SCHNEUWLY, B; NOVERRAZ, M. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica da tradução de Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 2011.

FRIEDMAN, N. **Uma mente própria: a história cultural do pênis**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

G1. **Professora do Pará que chamou vigilante de 'macaco' pede desculpas**. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2012/09/professora-do-para-que-chamou-vigilante-de-macaco-pede-desculpas.html>. Acessado em: 28 out. 2012.

JORNAL HOJE. **Polícia de Belém investiga professora suspeita de racismo contra segurança**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2012/09/policia-de-belem-investiga-professora-suspeita-de-racismo-contra-seguranca.html>> Acesso em: 17 out. 2012

PLATIN, C. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. Traduzido por Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

RIBEIRO, R. M. **A construção da argumentação oral no contexto do ensino**. São Paulo: Cortez, 2009.

VAN DIJK, T. A. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, J. R. **O que é racismo?** 18. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

Data de recebimento: 30 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.